

POR ARMANDO CORRÊA DA SILVA. EM BUSCA DO FUTURO DO PRETÉRITO¹

Eliseu Savério Spósito²

Inicialmente, quero lembrar que este texto foi elaborado com o espírito livre dos cânones do método e do rigor acadêmico. Como gostaria Armando Corrêa da Silva, tenho certeza, deixei-me levar pelo livre pensar. Por isso, parto do pressuposto de que ele tem caráter apenas introdutório e, como motivação, uma reflexão sobre alguns escritos que Armando Corrêa da Silva deixou para que todos nós pudéssemos pensar para além do pensamento geográfico; isto é, em uma “frequência” do raciocínio que permita articular ciência e poesia, vontade pessoal e rigor científico, idéias de diferentes autores e propostas para um futuro que já se configurara em sua pessoa.

O encaminhamento que procurei seguir foi o seguinte: busquei, em periódicos e livros que tenho comigo, em apostilas e nas lembranças, em páginas que ele foi assinando enquanto esteve trabalhando e vivendo em Presidente Prudente, no tempo em que ele escreveu, regularmente em suas passagens por lá, algumas idéias que têm sua importância porque suscitam a reflexão sobre os conceitos, sobre o método e sobre a cultura, que considero importantes, de Armando Corrêa.

O cenário imaginário para a apresentação das idéias, doravante, é composto por uma mesa de bar, lá no canto do salão, próxima ao piano, ao som dos clássicos que Armando tocava na madrugada com seus dedos deslizando pelas teclas com a agilidade que era própria de um intérprete.

Em Presidente Prudente, Armando vinha, às vezes e de surpresa, por volta das 10 horas da noite, apertava o interfone e simplesmente informava que tinha chegado para o jantar. Carminha ia para o fogão, preparava um macarrão alho e óleo ou uma tábua de queijos, enquanto nós três dividíamos uma cerveja ou um copo de vinho. A conversa se estendia tranqüilamente, como era seu jeito de conversar e, de repente, ele se levantava, despedia-se e dizia que iria continuar a noite visitando algum aluno ou tomando um chope em algum bar que ele já bem conhecia. Lá ia o Armando em seu Monza noite adentro, desaparecendo na escuridão da esquina, chuvosa ou com céu aberto, deixando o odor dos inúmeros cigarros que tinha fumado, muitas vezes acendendo um diretamente naquele que estava se apagando.

¹ Texto elaborado para a participação na Semana Armando Corrêa da Silva, organizada na FFLCH/USP, em 12 e 13 de junho de 2008. A intenção clara, do texto, é homenagear, por meio de uma leitura parcial de alguns poucos escritos de Armando Corrêa da Silva, esse personagem que continua sendo uma incógnita no pensamento geográfico por sua ousadia, sua simplicidade e sua negação dos cânones da academia, embora os tivesse seguido em sua carreira profissional, defendendo o doutorado, e passando por concursos de livre docência e de titular na Universidade de São Paulo. Observação: o texto está sendo publicado agora porque, mesmo que tenha se proposto, na ocasião do evento, uma publicação com as contribuições dos participantes, eu nunca recebi qualquer informação a respeito. Por isso, resolvi divulgar o que está escrito na revista Geografia em Atos.

² Docente dos cursos de Graduação e de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente. Endereço eletrônico: essposito@gmail.com

Armando transitou, em seus escritos, entre textos que podem ser classificados como coerentemente acadêmicos, como sua tese de doutorado ou como seu artigo no Boletim Paulista de Geografia em que avalia a produção geográfica da USP até 1989, a textos de livre pensar, como o artigo em que avalia o conceito de cultura pela presença do *software*, a busca da noção de valor pelo *software*, a análise do espaço fora do lugar, até textos de poesia, como em Saudades do Futuro.

Flashback. Conheci Armando Corrêa da Silva em Presidente Prudente, no final de 1975, quando ele lá foi apresentar os resultados teóricos de sua tese de doutoramento, em que ele estudou o litoral norte de São Paulo, trabalhando com uma área periférica do capitalismo brasileiro. Ele articulou muito bem, partindo da teoria dos pólos de desenvolvimento, diferentes configurações da região que ele chamou de isolada, marginal e complementar. Com forte apelo teórico, ele deixou, mais tarde, textos sobre as técnicas de trabalho de campo que desenvolveu, mostrando sua preocupação tanto com a teoria como com aquilo que ele mesmo chamava de realidade sensível.

Conversei com ele sobre as possibilidades de realizar o mestrado porque, naquele tempo, era preciso, primeiro, ter um contacto com o possível orientador para depois se submeter à seleção dirigida pelo professor credenciado. Seis meses depois, quando o procurei, perguntando se ele se lembrava de mim, ele simplesmente falou “não”, o que me deixou decepcionado, pois pareceu que as portas se fechavam para mim. Fui para a entrevista e, entre doze candidatos, entrei com mais seis outros e formamos a primeira turma de orientandos de Armando Corrêa da Silva na USP, a partir de 1977.

A escolha do tema da dissertação teve sua participação direta. Nas décadas de 1960 e 1970, o Oeste de São Paulo vivia uma situação que se repetia em muitas áreas do interior: a emigração era intensa, despovoando as áreas rurais e deixando cidades pequenas com saldos populacionais negativos. As pessoas iam, predominantemente, para a área da Grande São Paulo e para os arredores e município de Campinas. Mas o tema sugerido me pareceu muito prosaico porque já era objeto de estudos de muita gente ligada à Geografia, à Sociologia e à Demografia. Em sua simplicidade de raciocínio e criatividade, Armando sugeriu “inverter a questão”; ou seja, eu poderia estudar por que as pessoas permanecem em suas cidades ou campo e não por que outras migram. Estava definido o tema, com todas as suas dificuldades que estavam por vir.

E como definir o recorte territorial, os instrumentos de investigação, as bases teóricas...? Depois de alguma conversa, optei por estudar a percepção do espaço que as pessoas tinham, como elas formavam seus horizontes geográficos, como se apegavam aos lugares etc., para verificar a força da permanência em relação à migração. Duas bases foram decididas: 1) para compreender as dinâmicas territoriais de duas cidades pequenas (Pirapozinho e Álvares Machado), os dois circuitos da economia urbana de Milton Santos pareciam satisfazer; 2) para a compreensão do horizonte geográfico, a opção foi pela Teoria de Campo de Kurt Lewin, baseada na tendência gestaltista da Psicologia. Como ambas as teorias tinham sua formação no estruturalismo, achamos que era o caminho a seguir. O encaminhamento do trabalho foi: 1) expor como, historicamente, o que se chamava, então, de Alta Sorocabana, como uma região e sua representatividade, foi se formando no século XX; 2) depois, foram feitos alguns balanços de população, verificando-se saldos e cálculos que mostravam o potencial demográfico e o déficit populacional da região; 3) finalmente, a partir do que se obteve com os

questionários, cujas bases foram a mobilidade da população – viagens realizadas, últimos empregos, origem da família – e sua capacidade econômica – salários, por exemplo – foi possível elaborar o mapa mental das pessoas e conformar seu horizonte geográfico³.

Posso afirmar hoje, tão distante daquele tempo, que as sugestões e as idéias que Armando me passou foram decisivas para que o texto pudesse ser organizado e exposto para a banca em 19 de maio de 1983.

Volto para o futuro. Em seu livro *De quem é o pedaço?*, Armando Corrêa da Silva⁴ analisa com dureza sutil o papel dos geógrafos com importante antecipação, considerando-se que ele publicou o livro em 1986. Vejamos algumas passagens do capítulo intitulado *O espaço no lugar?: “A crise da Geografia tem uma vantagem em relação à crise dos demais campos do conhecimento. A reflexão filosófica dela esteve ausente durante muito tempo: mais precisamente, alguns clássicos ainda a praticaram, mas a deficiência de preparo filosófico constituiu sempre uma barreira ao encaminhamento da solução”* (p. 131).

Aqui cabem duas observações. Em primeiro lugar, a lucidez com que ele leu a falta de reflexão filosófica por parte dos geógrafos. Em segundo, a simplificação quando fala de “vantagem” em relação à crise de outros campos do conhecimento e, mais ainda, quando fala de “encaminhamento da solução”.

Ele prossegue: *“O ‘terra-a-terra’ dos geógrafos deve explicar-se como determinação de seu objeto e, ao mesmo tempo, como a preocupação mais com o território do que com a região, a área, o lugar e o espaço. Mais com o lugar, tomado isoladamente (idiograficamente) do que com as relações espaciais. A reflexão recente com estas não partiu da reflexão, mas foi determinação externa de um mundo cada vez mais unido pelas telecomunicações, que põem em crise a atomização local, regional e nacional”* (p. 131).

Novamente Armando Corrêa da Silva antecipa-se ao seu tempo deixando, ao mesmo tempo, margem para diferentes interpretações sobre o que afirma. Vejamos: ele antecipa a preocupação dos geógrafos com o território, mesmo que esse conceito vá se tornar “palavra de ordem” hegemônica apenas nos últimos quinze anos, principalmente com a leitura que alguns fizeram do livro de Claude Raffestin. Armando também enfatiza o que estava presente e já concretizado na Geografia, que era o conceito de espaço, lembra dos conceitos de região, área e lugar, e fala do papel das telecomunicações como vetor de transformação do mundo. No entanto, mais uma vez se contradiz ao falar em “atomização local, regional e nacional”, como se se pudesse tratar de diferentes escalas de abordagem como se fossem escalas geográficas.

Mais à frente, ele define a práxis da maneira mais simples possível: *“a práxis implica uma demonstração teórica e em uma demonstração prática. A primeira remete à consistência do argumento e a segunda à verificação empírica”* (p. 131). Neste caso, a interpretação que ele adota disseminou-se e simplificou o conceito (ou mesmo a definição de práxis) opondo duas possibilidades: o trabalho intelectual e a verificação empírica. Vejamos os contra-argumentos: na filosofia marxista (aquela que se “apossou” da palavra), *“a palavra grega práxis é usada para designar uma relação dialética entre o homem e a natureza, na qual o homem, ao transformar a*

³ A dissertação tem, como título, *Migração e permanência das pessoas nas cidades pequenas. Os casos de Pirapozinho e Álvares Machado na Alta Sorocabana, SP*. Suas principais conclusões foram divulgadas no artigo SPOSITO, Eliseu S. Percepção do espaço e formação do horizonte geográfico. *Revista de Geografia*. São Paulo: UNESP, v. 3, 1984, p. 87-107.

⁴ SILVA, Armando Corrêa da. *De quem é o pedaço? Espaço e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.

natureza com seu trabalho, transforma a si mesmo". Para o próprio Marx, "toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que dirigem a teoria para o misticismo encontram sua solução na práxis humana e na compreensão dessa práxis", como está na oitava tese sobre Feuerbach (Japiassu, p. 218⁵).

Para Bottomore⁶, a *praxis* refere-se, "em geral, a ação, a atividade e, no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre, universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si mesmo; atividade específica ao homem, que o torna basicamente diferente de todos os outros seres" (p. 292). Talvez a oposição entre a prática e a teoria esteja no que o próprio Bottomore deixou bem claro: é Aristóteles quem utiliza o termo aplicando-o apenas aos seres humanos, sugerindo que "a práxis deve ser considerada apenas como uma das três atividades básicas do homem (as outras duas seriam a *theoria* e a *poiesis*)", ou seja, parte-se do pressuposto de que há três tipos básicos de conhecimento: o teórico, o prático e a *poiesis* (o "produtivo") (p. 292).

Durante muito tempo eu ouvi que a definição mais simples e clara de práxis é que ela se refere à *prática teórica*. Acredito que as simplificações se, por um lado, contêm em si a facilidade da transposição do conhecimento, por outro lado, empobrecem o próprio conhecimento. Esse é o resultado que vai além da contingência.

Trabalhando, no mesmo texto, com a gênese da produção da teoria, Armando Corrêa circula livremente pela ontologia, pela epistemologia e pela gnosiologia (níveis da produção do conhecimento), lembrando que a intuição é fundamental para a realização do raciocínio que, por sua vez, produz a consciência, não se esquecendo da condição natural do ser humano: "O raciocínio produz a consciência, que é conceito-idéia e compreensão. Mas a compreensão não pode realizar-se sem a intuição. É nessa relação que se põe a pré-ideação. Por isso, também a impressão-expressão. Esta causa a emoção (que é a manifestação da social-natural da humanidade). A memória cultural registra a pré-ideação" e "a intuição remete à sensibilidade que é a forma de por-se a sensação, e o sistema nervoso, que programa a memória genética. (...) A memória genética e a memória cultural entram em interação como determinações naturais e sociais" (p. 132).

Por esse caminho ele chega à teoria do conhecimento e ao papel da linguagem, que se põem como "relação sujeito-objeto como prática ou como teoria", sendo que o "erro é o conhecimento da aparência das determinações; a verdade, o conhecimento da essência das determinações" (p. 132-133).

Ele procura, nesse texto, seguir a lógica dialética, expondo as leis da dialética, embora utilize os termos *input* e *output* para expor a relação entre os termos que utiliza para expor sua lógica de raciocínio. Eis aí algo que ainda precisa ser mais estudado.

E eis que esse caminho, para Armando, é realizado pela *metodologia*, que "lida com a explicação e a descrição" (p. 133). Para ele, "a explicação é sempre um processo de dedução", sabendo-se que "dedução e indução relacionam-se porque não há explicação sem descrição e descrição sem explicação no conjunto do pensar" (p. 134).

⁵ JAPIASSU, Hilton, MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

⁶ BOTTOMORE, Tom (org.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

Aqui deixo a minha interpretação como uma leitura também parcial do que escreveu Armando Corrêa da Silva.

Flashback. Em 1989 assisti à reprovação de Armando em seu exame de livre docência. Ele apresentou um texto intitulado *Quatro paralelos e um meridiano*. Contrastou sua ousadia, seus termos com forte apelo teórico e o conservadorismo (mesmo que com a competência de estar por ali) dos membros da banca. Ele pagou o preço de desafiar a banca, que o havia prevenido para que ele não fosse para o exame, mas ele pediu que fosse reprovado publicamente, na presença de seus pais, alunos e amigos. Alguns membros da banca, com comportamento irado, não aceitaram o desafio. Reprovado, Armando reapresentou-se para um novo exame de livre docência dois anos depois, quando foi aprovado. Aí ele apresentou, no novo texto, um mapeamento do espaço relacional de um estudo empírico que realizou no bairro da Consolação, em São Paulo.

Como anunciei no início, acho importante lembrar o que ele produziu em Presidente Prudente. Credenciado no Programa de Pós-Graduação em Geografia, não quis orientar ninguém: permaneceu responsável por sua disciplina, cujo tema era diferente a cada ano, enfatizando, sempre, o que ele pensava da Geografia por meio de temas como modernidade e pós-modernidade, cultura, ideologia e cotidiano, principalmente, com ênfase constante no que ele concebia como o método.

Ele esteve em Presidente Prudente regularmente de 1996 a 1999. Preparava-se para lá voltar em julho de 2000 quando, infelizmente, não pôde cumprir sua agenda. Como havia lançado em São Paulo o livro de contos e poesias *Saudades do Futuro*, ele repetiu o lançamento na biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia, apresentando-se ao piano, num salão repleto de amigos, colegas e curiosos, deixando na memória *As time goes by (you must remember this!)*.

Flashback. Lembro-me de Armando proferindo seu discurso de posse como presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros, em Salvador, em 1990. Ele lembrou que (posso ter forçado a memória) “Marx morreu, Jesus Cristo morreu, Nietzsche morreu e ele mesmo não se sentia muito bem”. Ao tentar justificar por que não tinha plataforma elaborada para sua gestão de dois anos à frente da AGB, colocou-se na própria dúvida, afirmando que “não sabia se era pós-marxista, pós-moderno ou pós-ele mesmo!”.

Outro fato a registrar é que ele gostava de orientar em seu apartamento. Acordava por volta do meio dia, eu ia de Presidente Prudente a São Paulo, depois de sete horas em ônibus, passando a noite nas rodovias mal asfaltadas, e ia almoçar com ele em Pinheiros. Depois, conversávamos umas duas horas, ele falava de tudo e dele mesmo. No meio da tarde, ele perguntava como estava a pesquisa e eu tinha cinco minutos para ele dizer que estava tudo bem. No entanto, mesmo que as sugestões não fossem enunciadas, seis meses depois chegava, em minha casa, uma carta com sugestões de leitura, de perguntas e de encaminhamentos que ele enviava. A surpresa, na primeira vez, foi grande mas, nas outras vezes isso se tornou um meio de diálogo.

De volta para o futuro: alguns de seus escritos elaborados em Presidente Prudente, devidamente datados, são os seguintes:

- 1 Geografia e cultura de massas, de 12 de maio de 1998, 4 p.
- 2 Geografia e cultura de elite, de 14 de maio de 1998, 3 p.
- 3 Geografia, cultura e técnica, de 23 de maio de 1998, 3 p.

- 4 Geografia, cultura e modernidade, de 9 de junho de 1998, 3 p.
- 5 Ideologia do cotidiano, de 19 de outubro de 1999, 3 p.
- 6 Discutindo pressupostos, de 21 de outubro de 1999, 2 p.

Quando foi para lá pela segunda vez, utilizou a apostila da disciplina *Geografia e mudança cultural*, com os seguintes temas:

1. Sociologia e Geografia (em busca da identidade);
2. Geografia e modernidade;
3. A controvérsia modernidade x pós-modernidade;
4. Fenomenologia e cotidiano;
5. Fenomenologia e territorialidade;
6. Espaço, tempo e Geografia no fim do milênio;
7. Pós-vanguarda e novo conteúdo;
8. O pós-modernismo e a crise do pensamento crítico;
9. O pensamento crítico e a morte do sujeito;
10. Geografia e mudança cultural;
11. Simulando o espaço e o território;
12. A pós-vanguarda e a epistemologia do lugar;
13. Conceito de mudança cultural;
14. Consciência espacial;
15. Mudança cultural e valor;
16. Ideologia do cotidiano

Os textos eram pequenos, variando de uma a oito páginas, com parágrafos curtos e frases ora incisivas e provocativas, ora conclusivas que não deixavam margens à dúvida ou à especulação. Na apostila constam textos elaborados de 1994 a 1997, assinados como elaborados em São Paulo ou em Pinheiros.

Para Armando Corrêa da Silva, a juventude, no final do século XX, tinha seu comportamento baseado na “consciência da mente vazia”, lembrando o conceito de nada de Sartre. Em sua forma de conceber a Geografia, ele afirmava que o social (e o lugar) prevalecia sobre o espacial.

Voltando aos textos que ele escreveu em Presidente Prudente, no *Geografia e cultura de massa*, cabe destacar que Armando Corrêa da Silva trabalha com o homogêneo e as diferenças, baseando-se em Fredric Jameson, para quem o capitalismo está em seu terceiro estágio, numa época em que “tudo se tornou cultural”, inclusive o econômico e o político. Para Armando, nesse caso, as diferenças são acentuadas pelos grupos bem identificados, como as feministas, os pós-marxistas, os homossexuais ou os negros, por exemplo. Ele compara massa e classe; massa e lugar (onde está uma frase de difícil compreensão, quando ele afirma que “talvez, o povo só passa a existir como imagem virtual, nas telas das TVs, nos vídeo-clips, no cinema...”), massa e relações humanas; massa e cultura; massa, autoritarismo e democracia; e o Brasil massa.

No texto *Geografia e cultura de elite*, ele parte do pressuposto de que “o clássico se opõe à vulgarização do conhecimento” (p. 1). Para ele, “a elite diferencia-se da massa através da forma” (p. 2). Ele já estava, nesse momento, concatenado ao que se falava da pós-modernidade, quando lembra que “a pós-modernidade critica as grandes narrativas, ou, como argumentam os pós-estruturalistas franceses, o historicismo” (p. 3), ou ainda, lembrando Habermas, para quem a “modernidade é um projeto inacabado”. No final do texto, algumas perguntas ficam no ar e podem

ser interpretadas por nós, ainda hoje, como instigantes para se compreender o que ele chamou de pós-modernidade: - a Tropicália, no Brasil, foi um movimento moderno ou pós-moderno?; - A elite atual, se é que ainda existe, que idéias e valores possui?; - Os condomínios fechados são habitados pela elite?; - Os shoppings são lugares da elite?; - Bill Gates é elite?; - A elite é necessariamente conservadora?

No texto *Geografia, cultura e técnica*, ele dialoga com Milton Santos. Aí ele afirma, por exemplo, que “a técnica é uma modalidade de conhecimento”, “a técnica é um fazer codificado”, e classifica a razão técnica como decisória, normativa, seletiva, operatória, instrumental ou cognitiva, deixando ainda um *etc.* para cada um entrar no debate e propor sua adjetivação da técnica.

No texto *Geografia, cultura e modernidade*, o que se pode destacar da análise de Armando Corrêa da Silva? Na minha opinião, depois da lembrança que ele faz da construção do conhecimento da antiguidade à modernidade, o debate atual (e, no texto, estamos em 1998, dez anos atrás) é o da pós-modernidade, que já tinha “trinta anos de existência” (p. 2) e a Geografia 200 anos. Entre as provocações bem agudas, Armando inseria uma datação ou fazia afirmações com a simplicidade da conclusão. Ele termina o texto afirmando que “uma dimensão agora atual é a dimensão individual”, quando “meu mundo caiu”, num momento em que “o dia-a-dia e o noite-a-noite norteiam as decisões para a frente e para trás” (p. 3). É hora de se perguntar, na esteira do que foi escrito: a dimensão individual não é, atualmente e também, a exacerbação necessária para a consolidação do consumo de massas, um dos objetivos do capitalismo e uma das formas de se realizar a mais-valia de forma ampliada? Não é o individualismo uma das bases necessárias do capitalismo?

Quando discute os pressupostos, no texto de outubro de 1999, Armando revisita o método. Para ele, o primeiro pressuposto para o conhecimento é que “a teoria é uma afirmação, ou uma hipótese, sobre o real” (p. 1). O segundo pressuposto é que “a teoria é o conceito” que, por sua vez, “é uma descrição teórico-prática da categoria e pode implicar em uma definição” (p. 1). O terceiro pressuposto, para ele, é, contraditoriamente, aquele que precede os dois primeiros, porque é necessário “perguntar-se sobre a natureza do ser ao qual se referem as categorias, os conceitos e as definições” (p. 1). Lembrando Marx, Armando afirma que “os passos do método significam elevar o pensamento do abstrato (o nível empírico) ao concreto (o pensamento da essência do real)” (p. 1). Ele conclui que “a teoria não está separada do método. Ela é sua expressão discursiva” (p. 2) e que “o ser emancipado é aquele para o que ser livre é ter a si próprio como sujeito. Isto significa dominar a teoria e o método” (p. 2). Acredito que é isso que Armando buscava, dia e noite, mais à noite que durante o dia, cotidianamente, em seu cotidiano dos cigarros, das disciplinas e do piano.

O último texto que tenho em mãos, que ele escreveu em Presidente Prudente, intitulado *Ideologia do cotidiano*, tem como conclusão, já nas primeiras linhas, que a Geografia é uma ideologia do cotidiano⁷ por seu caráter de subtotalidade “expressa pela apreensão da espacialidade do valor relacional contido no real” (p. 1). Para ele, “o que é geográfico está diante de nossa percepção (...) e possui um significado dado pela particularidade e pela forma” (p. 1), pois a “subtotalidade surge da fragmentação do conhecimento, ou da crise do conceito de totalidade” (p. 1). Por minha vez, eu encaro a totalidade como uma abstração. Será

⁷ Grifo meu.

que era assim, também, que Armando a concebia? Lembrando Marx, ele afirma que “a linguagem é uma forma prática de consciência” por ser “uma mediação entre a mente e o real” (p. 2). Refletindo sobre o cotidiano, que ele considera “o pensar e o fazer do dia-a-dia”, com “vivência diária, memória e imaginário das pessoas e do lugar”, Armando afirma que “o pensar não é automático, mas inteligente, ou seja, reflexivo” (p. 2), mesmo que dependa “da motivação dos atores e da situação”, chegando a um “cotidiano feliz e infeliz” (p. 2). A Geografia ou a ideologia do cotidiano vai ser “o modo como o relacional contido no real se explicita na mente”, considerando-se “o relacional depende, no caso do sujeito, da comunicação interpessoal e intersubjetiva” (p.3). Ele conclui que “o passado e o futuro estarão contidos no presente, que pode ser captado pela visão, pela fotografia, pelo vídeo, pelo filme etc.” (p. 3).

Assim, outra interpretação que faço do que produziu Armando é que ele praticou a pluralidade do método, antecipou-se a questões que cresceram no temário geográfico posteriormente, teve simplicidade (e não precariedade) nas asserções e articulações complexas de seus argumentos. Se, algumas vezes, criticou o empirismo, baseou-se na realidade sensível como ponto de partida de suas reflexões, muitas vezes, de um fato banal para sua reflexão teórica. Ele circulava pela dialética e pela fenomenologia passando pelo estruturalismo como forma da argumentação, sem nunca resvalar no positivismo.

O que foi exposto é apenas uma leitura rápida e parcial do que produziu Armando Corrêa da Silva. Como ele mesmo falava em subtotalidade, aqui está um exemplo da dificuldade em fazer a exegese de seus textos, perguntando: será que o nada que ele citava, considerando-se a essência, não seria a busca de sua própria consciência?

Quero concluir esta pequena exposição assumindo que, mesmo que nos momentos de conversa na relação orientando-orientador, de conversas entre o colega da USP e o colega da UNESP, foi, também e principalmente, com Armando Corrêa da Silva que eu aprendi a gostar e a valorizar o estudo do método, a necessidade de ler alguns filósofos para, entre outras coisas, valorizar o empírico, não o separando da teoria, mas encarando-o, também, como *práxis*. Porque, mais que geógrafo, Armando Corrêa da Silva foi um filósofo que “viveu” a Geografia, vindo da Sociologia. E o privilégio de ter convivido com ele eu trago comigo.

Bibliografia⁸

SILVA, Amando C. da. *De quem é o pedaço? Espaço e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SILVA, Armando C. da. *O pensamento crítico e a morte do sujeito*. São Paulo (Pinheiros), 1996.

SILVA, Armando C. da. *Geografia e mudança cultural*. São Paulo, FFLCH/USP, 1997, 73 p. (apostila).

SILVA, Armando C. da. *Geografia e cultura de massa*. Presidente Prudente, 12/05/1998.

SILVA, Armando C. da. *Geografia e cultura de elite*. Presidente Prudente, 14/05/1998, 4 p.

SILVA, Armando C. da. *Geografia, cultura e modernidade*. Presidente Prudente, 09/06/1998, 3 p.

SILVA, Armando C. da. *Discutindo pressupostos*. Presidente Prudente, 21/10/1999, 2 p.

SILVA, Armando C. da. *Geografia, cultura e técnica*. Presidente Prudente, 23/05/1998, 3 p.

SILVA, Armando C. da. *Ideologia do cotidiano*. Presidente Prudente, 19/10/1999, 3 p.

SILVA, Armando C. da. *Modernidade e pós-modernidade*. Bairro de Pinheiros/SP - Presidente Prudente, 1996, 131 p. (apostila).

SILVA, Armando C. da. *O pensamento crítico e a morte do sujeito*. Pinheiros (São Paulo), 05/05/1996.

SILVA, Armando C. da. *Geografia e cultura popular*. São Paulo, 18/04/1998.

⁸ A bibliografia citada contém as obras mais conhecidas de Armando Corrêa da Silva e os escritos que ele elaborou e deixou em Presidente Prudente.

SILVA, Armando C. da. *O espaço fora do lugar*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Armando C. da. Apresentação e organização. *Seleção de Textos: Teoria e método*. São Paulo: AGB, n. 190, 1985, p. p.1-8.

SILVA, Armando C. da. A renovação geográfica no Brasil – 1976-1983 (As Geografias Críticas e Radical e uma perspectiva teórica). *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, n. 60, 2º. Sem. 83/1º. Sem 84, p. 73-140.

SILVA, Armando C. da. Conceito de cultura (software). *Revista Formação*. Presidente Prudente: PPGG/FCT/UNESP, n. 6, 1999, p. 91-97.

SILVA, Armando C. da. *O ser e o vir-a-ser*. São Paulo, 06/02/1993.

SILVA, Armando C. da. *Práxis e cotidiano*. São Paulo, 13/01/2000.

Presidente Prudente, 10 de junho de 2008.

Enviado em 1 de dezembro de 2011.

Aceito em 31 de dezembro de 2011.